

Eros, beleza e bondade: as relações homoeróticas no Banquete de Xenofonte

Eros, Beauty, and Virtue: Homoerotic Relationships in the Symposium of Xenophon

Raphael Calebe Vasconcelos Costa ⁶⁸

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 13 de janeiro de 2026

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar a construção do ideal de *kalokagathia* no *Banquete* de Xenofonte, mediante a condução de si no uso dos prazeres. Assim, analisamos duas relações homoeróticas descritas na obra: Cálias e Autólico e Critóbulo e Clíncias. Com isso, concluímos que, por meio da censura e do elogio, Xenofonte opera seu ideal de *kaloskagathos* nas relações sexuais.

Abstract: This article aims to demonstrate the construction of the ideal of *kalokagathia* in Xenophon's *Symposium*, through self-guidance in the use of pleasures. We analyzed three homoerotic relationships described in the work: Kallias and Autolicus and Kritobulus and Klinias. With this, we conclude that, by censure and praise, Xenophon operates his ideal of *kaloskagathos* in sexual relationships.

Palavras-chaves (keywords): Xenofonte, Banquete, Homoerotismo.

Introdução

A prática de relações homoeróticas não foi estranha aos gregos antigos. Facilmente encontramos relatos de homoerotismo⁶⁹ em registros textuais ou arqueológicos da Grécia Antiga. Dessa maneira, nas fontes que chegaram até nós da Atenas do século V a.C., é possível observar que esse homoerotismo assumiu por muitas vezes a forma da pederastia. A definição mais famosa da pederastia grega foi feita por Dover (1989) que concebeu esse fenômeno como uma relação entre um homem mais velho, descrito como *erastes*, e um mais

⁶⁸ Mestrando pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da prof. dra. Priscilla Gontijo Leite. Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5150-8384>.

⁶⁹ Tomamos aqui o termo *homoerotismo* de modo a evitar o anacronismo, a dualidade e o essencialismo que a aplicação do termo *homossexualidade* confere para a descrição de relações entre homens na Grécia Antiga. Para mais, cf. Daniel Barbo (2009) e David Halperin (1986).

jovem, nomeado *eromenos*. Ao mesmo tempo que erótico, esse fenômeno também possuiria um caráter pedagógico, pois caberia ao *erastes* a transmissão de conhecimentos em troca de favores sexuais concedidos pelo *eromenos*.

Nos ciclos aristocráticos atenienses, o homoerotismo, sob a forma da pederastia, encontrou espaço para disseminação, porém, não sem fortes críticas, uma vez que essa prática encontra no período clássico uma “hiperproblematização” (Lear, 2015, p.7)⁷⁰.

Um dos textos antigos que melhor apresenta o debate acerca do amor entre homens é o *Banquete* de Xenofonte, escrito por volta de 393 a.C. A obra descreve a realização de um simpósio na casa do rico Cálidas, em comemoração à vitória de seu amado Autólico em um torneio de pancrácio, do qual são convidados Sócrates e seus companheiros.

A obra também é considerada um diálogo socrático, gênero literário desenvolvido pelos discípulos de Sócrates, que buscava reproduzir na cultura escrita a oralidade do discurso socrático (Reale, 1994, p. 25). O gênero é marcado pela investigação de temas abrangentes, como a verdade, a justiça, o amor e a alma, em que Sócrates, por meio da ironia e da maiêutica, induz seus interlocutores ao aprendizado filosófico. Chegaram até nós somente os diálogos de Platão e Xenofonte, mas também produziram diálogos os chamados “socráticos menores”, como Antístenes, Euclídes, Fédon e Aristipo, cujas obras foram perdidas ao longo do tempo (Reale, 1993, p. 327-332).

Além de um diálogo socrático, o simpósio também foi considerado um gênero literário próprio por autores antigos posteriores a Xenofonte, como Hermógenes, Ateneu e Plutarco. Pode ser classificado, portanto, como um gênero que privilegia a união dos aspectos sérios com os aspectos cômicos. Os tópicos desse gênero literário são: (1) a cena do próprio simpósio, normalmente ocorrida em casas ou palácios com apreciação de manjares e consumação de vinho; (2) a festa, que compreende a música, a dança, o canto e a presença de um *akletos*

⁷⁰ Também é importante ressaltar que, apesar da predominância da pederastia nas fontes antigas do período, ela não foi a única forma de homoerotismo praticada em Atenas. Registros também apontam para a presença de prostituição masculina (Esquines, *Contra Timarco*) e outras formas de amor homoerótico que não incluem necessariamente a iniciação de um jovem (Foucault, 2020, p. 239).

(não-convidado); e (3) o conteúdo sério do banquete, que envolve o seu caráter educativo e o seu *logos erótikos* (Delibes, 2000, p. 132-154).

O tema central do Banquete de Xenofonte é o princípio da *kalokagathia* – união dos ideais de beleza e bondade. No início da obra, o autor nos narra que tão importante quanto os feitos sérios de um homem são suas ações irrefletidas (Xen. *Banquete*. I 1), mostrando que a conduta dos *kaloi kagathoi* permanece ilibada não somente em momentos sérios, mas também em ocasiões descontraídas, como o próprio simpósio, e também na forma como de conduzir os desejos amorosos e sexuais.

O objetivo deste artigo é mostrar como Xenofonte constrói o ideal da *kalokagathia* mediante a condução de si no uso dos prazeres. Dessa forma, utilizaremos como base o trabalho de Sousa (2013), que estabelece uma ligação entre cada um dos personagens apresentados e seu grau de proximidade com a *kalokagathia*, bem como os apontamentos de Michel Foucault (2020) sobre o conceito de temperança (*sophrosune*) nas atividades sexuais. Dessa forma, investigaremos a maneira como Xenofonte constrói duas relações homoeróticas ao longo da obra: Cálias e Autólico; Critóbulo e Clínias. A construção dessas relações foge à mera descrição e cumpre, cada um à sua maneira, um objetivo maior para a obra, contribuindo para o desenvolvimento do discurso socrático e seu ideal de beleza e bondade.

Cálias e Autólico

A primeira relação homoerótica exposta no banquete é a de Cálias e Autólico, pois é a que justifica a própria celebração descrita na obra. Orgulhoso da vitória de seu amante em um torneio de pancrácio, Cálias organiza uma festa em homenagem a Autólico e seu pai, Licon. Em sua tese, Sousa (2013) realiza uma extensa catalogação das representações de Cálias na antiguidade. Segundo ela, outros autores antigos teceram comentários sobre a figura do rico ateniense, mas nem sempre de maneira bondosa. Aristófanes ridiculariza seu gosto excessivo por mulheres e dinheiro nas comédias *As Aves* (Aristófanes, *As Aves*, 281-285), e em *As Rãs* critica o fato do amante de Autólico se ausentar das

batalhas (Aristófanes, *As Rãs*, 422-430). Já Andócides questiona a conduta moral de Cálias em sua obra *Sobre os mistérios*, ao afirmar que este sugou a riqueza e a temperança de Hipônico, seu pai (Andócides, *Sobre os mistérios*, 131).

As descrições de Aristófanes e Andócides, ao reforçarem o apego em demasia por mulheres, dinheiro, banquetes, bebidas e músicas, fizeram com que a descrição de Cálias fosse marcada pela falta de domínio próprio. Seus gostos e dispendios excessivos mostram que carece em Cálias a característica da temperança (*sophrosune*). Somente com ela pode-se exercer o controle de si. Nesse sentido, Foucault nos lembra do caráter viril associado a esse ideal no imaginário grego:

O que é afirmado através dessa concepção de domínio como liberdade ativa é o caráter viril da temperança. Assim como na casa cabe ao homem comandar, assim como na cidade não é aos escravos, às crianças nem às mulheres que compete exercer o poder, mas aos homens e somente a eles, do mesmo modo cada um deve por em obra sobre si mesmo suas qualidades de homem. O domínio de si é uma maneira de ser homem em relação a si próprio, isto é, comandar o que deve ser comandado, obrigar à obediência o que não é capaz de se dirigir por si só, impor os princípios da razão ao que desses princípios é desprovido; em suma, é uma maneira de ser ativo em relação ao que, por natureza, é passivo e que deve permanecê-lo (Foucault, 2020, p. 98-99).

No caso de Cálias, ao preferir o conforto de uma vida luxuosa ao invés da privação dos prazeres, que é necessária para a construção da virilidade, o ateniense se afasta dos ideais vigentes de masculinidade, aproximando-se de uma figura feminina.

No *Banquete*, percebemos logo de início o apego excessivo desse personagem aos sofistas, dado o estranhamento de Sócrates ao receber o convite para a celebração (I 5). A sua proximidade aos ensinamentos desses profissionais também é descrita em outras obras: Ateneu de Náucratis mostra um Cálias rodeado por sofistas que o parasitavam, sugando facilmente seu dinheiro em troca de ensinamentos (Ateneu, *Banquete dos sábios*, 236e); no *Protágoras* de Platão, o porteiro da casa de Cálias confunde Sócrates e seus discípulos com sofistas, dada a frequência com que esses pensadores frequentavam o ambiente (Platão, *Protágoras*, 315d).

Apesar de não poupar críticas à aproximação de Cálias aos sofistas, Xenofonte não descreve o anfitrião de maneira negativa. Ao contrário disso, no *Banquete* pode-se classificar o rico ateniense como um dos melhores exemplos de *kalosgakathos*, juntamente com Autólico e Sócrates (Sousa, 2013, p.181 e 186). Sua *kalokagathia* é justificada por sua generosidade e pela maneira como conduz sua relação com autólico.

Na obra, Cálias orgulha-se de fazer os homens melhores por meio da justiça ao fornecer-lhes dinheiro (Xenofonte, *Banquete*, III 4), declaração que levanta certos questionamentos de Antístenes: afinal, há como desenvolver a justiça por meio do dinheiro? Levariam os homens a justiça na alma ou nos bolsos? Frente a essas indagações, o Cálias de Xenofonte se defende veementemente: de nada adianta que os homens carreguem a justiça em suas almas, se quando passam por necessidades eles têm de recorrer a delitos para garantir sua subsistência (IV 1). Portanto, há no personagem um senso de dever para com a sociedade: por possuir mais bens que os outros, cabe a ele equiparar as diferenças sociais. Nesse processo, ele estaria melhorando os homens a quem ajuda, posto que com condições materiais podem alcançar a justiça e a virtude. Essa forma com a qual Xenofonte apresenta Cálias talvez seja uma tentativa de defesa do autor aos altos dispêndios praticados pelo ateniense (Sousa, 2013, p. 186).

Não obstante, Cálias também é retratado como um dos personagens mais ávidos pelo conhecimento. Em diversos momentos da obra, demonstra uma grande vontade de aperfeiçoar a si mesmo. O Cálias de Xenofonte não bebe somente da fonte dos sofistas, procurando em Sócrates e seu grupo formas de se aperfeiçoar: convida-os para se juntar ao banquete (I 3-5); admira-se com os comentários de Sócrates a respeito da dança, e pede para que o filósofo lhe ensine alguns passos (II 20). O anfitrião deixa claro que o convite estendido aos socráticos visa tornar a noite benéfica para todos: ele se beneficiaria do conhecimento deles, assim como eles também poderiam se beneficiar do seu. Para Ana Elias Pinheiro (2008, p. 16), essa descrição de Cálias por Xenofonte não

necessariamente constitui um elogio, mas reforça a sua condição de um homem rico pedante.

Os registros antigos sobre Autólico constroem uma imagem do *eromenos* diferente daquela conferida a seu *erastes*. Excluindo a satirização do jovem e de seus pais numa comédia de Eupolis em 421 a.C. (Storey, 2003, p. 84), Autólico é bem descrito por outros autores antigos, como Plutarco (*Vida de Lisandro*, XV 8) e Diodóro Sículo, que relata a forma trágica com a qual sua vida chegou ao fim durante o Governo dos Trinta⁷¹ (Sousa, 2013, p. 188):

Eles também mataram Autólico, um homem sincero e em uma palavra, o mais respeitável, cidadão. Tão longe foi a devastação da cidade por parte deles, que mais da metade dos atenisenses fugiram (Diodóro Sículo. *Biblioteca Histórica*, 14.5.7)

A presença de Autólico e seu pai, Lícon, no *Banquete* pode ser interpretada como uma tentativa de retratar a imagem de Sócrates após a sua morte em 399 a.C. Lícon possivelmente foi um dos perseguidores de Sócrates junto com Ânito, Meleto e Laques (Diógenes Laértios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, II 30-43). Ao tomarmos esse fato em conjunto com a acusação de perversão da juventude feita a Sócrates, há a possibilidade de uma defesa feita por seu discípulo ao colocar elogios socráticos à figura de Autólico, bem como apresentar um Lícon que ao término do banquete elogia Sócrates: “Por Hera, Sócrates, parece-me ser um homem de bem” (IX 1).

Se para Sículo, Autólico era o mais respeitável cidadão em sua morte, Xenofonte nos mostra que, em sua juventude, quando possuía entre catorze e dezesseis anos (Sousa, 2013, p.187), o ateniense já demonstrava elementos de virtude. Sua *kalokagathia* se exerce logo no início da obra: a vitória no pancrácio demonstra que o jovem, por dominar as qualidades físicas ideais, possuía um futuro brilhante. É interessante notar que o fato de Cálias propor o banquete em

⁷¹ Governo dos Trinta ou Tirania dos Trinta foi um governo provisório de Atenas encabeçado pelos trinta conselheiros responsáveis pela criação de uma nova constituição após o golpe oligárquico de 404 a.C. Esse governo foi marcado por perseguições políticas e morte imediata de adversários.

sua honra pela vitória não é questionado ou ridicularizado ao longo de toda a obra, como o serão certas atitudes exageradas dos amantes presentes. Ao contrário, a celebração em nome de sua vitória é recebida como uma atitude nobre, como mostra o discurso de Sócrates ao elogiar o anfitrião (VIII 10-11). Ratifica-se, portanto, que a destreza física de Autólico é digna dos louvores recebidos, e que cada um dos convidados compreende e respeita sua habilidade.

Além disso, Autólico carrega consigo uma beleza digna de notoriedade. Xenofonte nos mostra que todos os convidados ficaram admirados com seus atributos físicos. Sua beleza é tamanha que exige um esforço dos simposiastas para exercer a temperança (*sophrosune*) e não demonstrar ceder aos impulsos sexuais (I 9). Nesse ponto, lembramos que o *Banquete* de Xenofonte foi uma reunião de homens admiráveis, fato que realça ainda mais a beleza de Autólico, por forçar o exercício da temperança e do controle sexual nesses homens bons e belos.

Concomitantemente, o comportamento louvável de Autólico durante o banquete embeleza ainda mais a sua figura. A modéstia e a discrição do jovem são reparadas pelos presentes e indicam nele um “predicado régio” (I 9). As ações do personagem durante a noite também admiram os convidados. Quando perguntado do que mais se orgulha, os presentes supõem que seja de sua vitória no pancrácio. Envergonhado, Autólico nega a suposição, respondendo ter muito mais orgulho do próprio pai, que em retribuição afirma ser o mais rico dos homens por ter Autólico como seu filho (12-14).

Ao término do simpósio a companhia de dança do Siracusano realiza uma apresentação erótica, na qual um garoto e uma garota encenam uma atividade sexual dos deuses Dionísio e Ariádne (IX 2-7). Sobre a apresentação, é importante notar a ausência de Autólico no ato, pois ele se retira pouco antes para fazer seus exercícios de caminhada (IX 1). Thomas Pangle (2010, p. 151) interpreta nesse trecho a criação de uma “causalidade” por Xenofonte: Autólico sai justamente antes da apresentação, devido ao fato do conteúdo erótico performado pela companhia ser apropriado somente para homens em idade de casamento. No entanto, essa afirmação desconsidera o aspecto de introdução

dos *eromenos* à atividade sexual nos simpósios, como evidenciado nas representações imagéticas dos vasos de pintura vermelha do século V. Essas cenas mostram *erastes* e *eromenos* em atividade sexual homoerótica e heteroerótica, em conjunto com *hetairas*⁷².

Dessa forma, uma possível interpretação para a saída de Autólico antes do término da festividade seria a representação de sua disciplina, posto que ele se retira em conjunto com seu pai para uma caminhada. Tal fato reforçaria, por sua vez, sua *kalokagathia*, mostrando que mesmo frente à vitória no pancrácio e a sua consequente comemoração na casa de Cálias, Autólico não menospreza seus exercícios e o tempo com seu pai.

Posto todos esses fatores, resta-nos concluir que Autólico é o exemplo de *eromenos* ideal. Ele carrega em si todos os atributos dignos de admiração: possui a força física, resistência e coragem demonstradas por sua vitória no pancrácio; sua beleza natural é tamanha que excita os convidados; seu comportamento calmo e comedido é ideal para o ambiente do simpósio; e seu orgulho é dirigido não a si ou aos seus feitos, mas ao seu pai, o que o torna também um filho ideal (Sousa, 2013, p. 188).

Apesar de sua pedância, Cálias já é apresentado como um *kalos kagathos* na obra pela sua vontade de melhorar a si mesmo e pelo ímpeto de conferir a justiça aos mais pobres mediante sua riqueza. Porém, ao apaixonar-se por uma figura tão bela e admirável como Autólico, a sua própria imagem é ainda mais engradecida. Por estar sob os efeitos de *Eros*, o anfitrião do banquete torna-se uma figura mais bela (I 10). Assim, Xenofonte retoma o argumento de que o amor é capaz de tornar os homens melhores. Essa ideia não era estranha aos antigos. Esse é o ponto principal do discurso de Fedro no banquete platônico: o *Eros* traz a melhor versão dos homens, posto que os homens apaixonados buscam demonstrar o seu melhor para seus amantes e temem serem por eles repreendidos (Platão, *Smp*, 178a-180b). Portanto, o poder de *Eros* sobre um

⁷² Para uma análise detalhada das cenas de erotismo em simpósios nos vasos gregos, cf. Romero (2008).

indivíduo seria tamanho que poderia transformar até Cálías, uma figura contestável para certos autores, em um ser admirável.

A *kalokagathia* de Cálías e Autólico é reafirmada no discurso de Sócrates sobre as relações pederásticas. O filósofo elogia o seu anfitrião pela escolha de seu *eromenos* e pela maneira com a qual conduz a relação com seu amado.

E quanto a ti, Cálías, toda a cidade sabe que amas Autólico e acho que o sabem até muitos estrangeiros. Isto porque os vossos pais são muito conhecidos e mesmo vocês os dois são figuras públicas. Eu sempre admirei a tua maneira de ser, mas agora ainda te admiro mais, por ver que estás apaixonado não por um sujeito efeminado pela preguiça, nem amaneirado por uma vida mimada, mas alguém que mostrou a todos a sua força e resistência, a sua bravura e a sua contenção. Estar apaixonado por essas qualidades abona a favor da natureza do amante. (Xenofonte, *Banquete*, VIII 7-8).

Ao tratarmos do homoerotismo grego, esse talvez seja um dos trechos mais importantes da obra. É interessante a escolha de palavras do autor no discurso de Sócrates. Primeiro, a publicidade da relação é exaltada. O amor de Cálías e Autólico é reconhecido pela cidade e por alguns estrangeiros. Em segundo lugar, o trecho reforça o argumento de uma defesa de Xenofonte a Cálías no *Banquete*, dado que Sócrates confessa uma admiração anterior a seu anfitrião, que se torna ainda maior quando o filósofo percebe a maneira com a qual Cálías conduz o seu relacionamento. Em uma Atenas circundada por amantes vulgares que preferem os malefícios do amor ao corpo do que as virtudes do amor às almas, Cálías se destaca por ter escolhido um *eromenos* que atende às condições ideais.

Os termos utilizados para descrever Autólico também são cruciais. Seus feitos reafirmam sua virilidade. Diferente dos homens efeminados, o jovem não é dado à preguiça ou aos luxos de uma vida mimada. Novamente Autólico é colocado como um grande exemplo de *kaloskagathos*. Sua vitória no pancrácio mostra que possui os atributos necessários de bravura, força, resistência e contenção. Notemos que a contenção é colocada aqui em conjunto com características viris relacionadas à força, reforçando o argumento de que a

kalokagathia não se resumia aos atributos físicos de um indivíduo. Além de dominar o seu corpo na prática de exercícios físicos, um cidadão grego deveria também conseguir dominar a si mesmo nos prazeres para poder se tornar um homem belo e bom.

Os trechos que dão continuidade ao elogio de Sócrates são alusões claras ao Banquete de Platão. Xenofonte atribui a Pausânias o discurso do Fedro do Banquete platônico acerca da existência de duas Afrodites, a Celestial e a Vulgar, as quais correspondem dois tipos de amor, um superior, relativo às almas, e outro inferior, correlato ao corpo (Platão, *Smp.*, 203b-204a). O autor discorda de seus contemporâneos e cogita a possibilidade de ambas as Afrodites serem faces da mesma deusa, uma voltada para o amor das almas e outra para o amor sensual. Todavia, afirma que se há de fato um *Eros* Celeste é ele quem envolve a pureza do amor de Cálias por Autólico (VIII 9-11).

O discurso socrático termina por elogiar a publicidade da relação entre o jovem e o anfitrião. Cálias conduz sua relação na frente do pai de seu amado por não possuir nada desonroso a esconder (VIII 11-12). O banquete platônico também nos mostra que amar os jovens em público e não às escondidas é uma atitude nobre, posto que o bom *erastes* não deve ocultar suas ações com o jovem (Platão, *Smp.*, 182e).

Cálias e Autólico, portanto, atendem aos requisitos de relação pederástica ideal. Amante prudente que escolhe o melhor dos jovens para amar, conduzindo sua relação em público, posto que não há nada desonroso a se esconder. Busca em sua relação melhorar a si mesmo e a seu amado, jovem virtuoso que possui todas as características físicas e morais necessárias de um bom *eromenos*.

Critóbulo e Clínias

Critóbulo, filho de Críton, é o personagem do Banquete que apresenta maior oposição às ideias de Sócrates. Enquanto o filósofo tenta argumentar ao longo da noite sobre os malefícios do amor excessivo ao corpo, Critóbulo realiza em suas falas um culto à beleza corpórea. O comensal notoriamente conhecido

por sua beleza (III 10), apresenta então argumentos a favor da virtude própria dos homens belos. Em todos os seus exemplos coloca, além de si mesmo, Clínias, um belo jovem ateniense por quem está apaixonado.

Conhecemos melhor Critóbulo na seção “do que mais me orgulho?” do *Banquete* (III-VII). À pergunta, o filho de Críton responde prontamente que se orgulha de sua beleza (III 7). Para ele, a beleza física seria um motivo legítimo de orgulho, posto que o prazer que advém da contemplação do belo é superior a qualquer prazer no mundo. Em sua justificativa, evoca a figura de Clínias, filho de Axíoco, objeto de sua paixão (III 11-12).

Em sua defesa, tenta evocar as virtudes próprias daqueles que são belos. Argumenta que a beleza permite que os homens consigam seus bens sem coragem, esforço ou sabedoria, uma vez que as pessoas apaixonadas por homens belos estariam dispostas a entregar tudo de si para contemplá-los. Como exemplo disso, Critóbulo coloca a si mesmo e a sua paixão por Clínias. Tamanha é a beleza do jovem que o orador não faria questão de se fazer escravo de sua vontade. (III 13-14).

Para Critóbulo, a beleza seria ainda melhor que a riqueza de Cálias para desenvolver a virtude dos homens, pois buscando impressionar os homens belos os apaixonados demonstram um menor apego aos bens materiais, um ímpeto maior ao esforço e à coragem, e uma maior modéstia e comedimento (III 15).

Após explicar as virtudes da beleza, o comensal ataca então alguns dos pressupostos socráticos de inferioridade da beleza física. Diferente do que afirmou Sócrates, a beleza corpórea não diminui ao longo do tempo, uma vez que a beleza da criança permanece nela até a velhice, e ilustram isso os anciões de Atenas, que são escolhidos para carregar os ramos por sua beleza (III 16-17). Para demonstrar a utilidade da beleza, Critóbulo faz uma provocação a Sócrates: seria mais fácil para ele conseguir os beijos do rapaz e da garota da companhia do Siracusano com sua beleza do que com quaisquer palavras do filósofo (III 18-20).

Se considerarmos que o principal argumento do Sócrates de Xenofonte ao longo da obra é a inferioridade do amor aos corpos, temos em Critóbulo o

contraponto perfeito. Sua defesa às virtudes da beleza logo se transforma numa provocação à Sócrates. O filósofo de bom grado a aceita e propõe um desafio, um concurso de beleza entre ambos. Nesse ponto, é interessante notar que Xenofonte quebra sua narrativa pela primeira vez para afirmar enquanto narrador a feiura de Sócrates (IV 19-20). Apesar de seus rudes traços, o filósofo se demonstra confiante no desafio e não se intimida com a beleza excepcional de Critóbulo, reconhecida e admirada por todos os presentes. Sua confiança é justificada pelo fato de não enxergar que a beleza de alguém reside somente no corpo, mas sim na alma. Enquanto Critóbulo defende firmemente as virtudes dos homens de corpos belos, Sócrates percebe na beleza das almas uma qualidade superior e se propõe a encarar o concurso de beleza por acreditar que sua bela alma supera o belo corpo de seu adversário.

Apesar disso, os demais presentes elegem Critóbulo como o mais belo, talvez por não conhecerem ainda os argumentos de Sócrates, que só serão realizados posteriormente quando o filósofo critica a condução das relações homoeróticas (VIII).

Os malefícios do apego excessivo de Critóbulo à beleza do corpo são ilustrados em sua relação com Clínias. O amor descomedido do simposiasta demonstra sua falta de temperança. A todo momento o orador cita o nome de seu amado, colocando a si mesmo em diversos trechos numa posição de inferioridade e servidão. Farto dessas declarações, Sócrates intervêm e censura o amigo por pensar demais em seu amado. Sua fixação é tamanha que chega inclusive a levar Sócrates aos lugares em que Clínias se encontra somente para contemplar sua beleza (IV 22). Frente a essa censura, Hermógenes intervém:

Disse, então, Hermógenes:

- Ó Sócrates, não me parece que te fique muito bem não te preocupares mais com Critóbulo, que está tão afectado pela sua paixão amorosa.
- E achas que ele está assim desde que se dá comigo?
- E desde quando, então?
- Não vês que ainda agora lhe está descer um buço desde as orelhas, enquanto a barba de Clínias já sobe para trás? A verdade é que quando frequentavam a mesma escola, apaixonou-se perdidamente por ele. Quando o pai percebeu, mandou-mo para ver se eu podia fazer algo de útil. E olhem que está muitíssimo melhor! Antes era como aqueles que contemplam as Górgonas; olhava-o petrificado, sem conseguir afastar-

se dele. Agora, até já o vi a piscar o olho. (Xenofonte, *Banquete*, IV 23-25).

Foucault (2020) nos lembra que é no amante que se percebe a submissão em relação ao desejo. Movido por *Eros*, o *erastes* não responde mais por si. O desejo lhe coloca numa posição inferior à que se encontrava antes: deve agora procurar saciá-lo para retornar à condição inicial. Inferioridade, entretanto, que é não é demoníaca ou pecaminosa, mas natural, posto que essas pulsões são próprias da condição humana. Nesse sentido, Foucault percebe a atividade sexual em termos de naturalidade e inferioridade:

Entretanto, se ela [a atividade sexual] pode ter algo a ver com o bem e com o mal, não é em detrimento da sua naturalidade, ou porque essa teria sido alterada; é em razão mesmo da maneira pela qual a natureza a dispôs. Com efeito, dois traços marcam o prazer ao qual ela está associada. Primeiro, seu caráter inferior: sem esquecer, entretanto, que para Aristipo e os cirenaicos “os prazeres não diferem entre si”, caracteriza-se em geral o prazer sexual como sendo não portador de males, mas ontologicamente ou qualitativamente inferior: porque comuns aos animais e aos homens (não constituindo uma marca específica destes últimos); porque misturados à privação e ao sofrimento (e nisso eles se opõem aos prazeres dados pela visão e audição); porque dependente do corpo e das suas necessidades; e porque destinado a reestabelecer o organismo em seu estado anterior à necessidade (Foucault, 2020, p. 60).

Portanto, certos limites devem ser estabelecidos. Apesar do desejo lhe colocar numa posição inferior, o *erastes* não deve se expor em excesso. É nessa situação que o *kaloskagathos* deve exercer sua temperança e controlar seus impulsos. Em sua paixão por Clínias, Critóbulo demonstra o contrário disso. Seu apego em excesso a seu *eromenos* mostra que ele não consegue exercer sua temperança. Suas atitudes o denunciam: em todas as suas falas evoca a figura de seu amado, declara com alegria que seria seu escravo (IV 14), persegue-o e força seus amigos a perseguí-lo, ofertaria de bom grado até mesmo a sua visão em troca da contemplação de Clínias (IV 11-12). Em sua conduta não há temperança (*sophrosune*), mas sim desmedida (*hybris*). Seu descontrole é tamanho que o pai de seu amado solicita uma intervenção a Sócrates.

Uma importante ação de Critóbulo sensurada por Sócrates é o beijo que este concede a Clínias:

Embora, pelos deuses, meus amigos, dizem por aí que até já beijou o Clíneas; ora, não há nada mais perigoso para atizar o amor, porque um beijo é insaciável e leva a esperanças voluptuosas. [E o facto, de entre todos os nossos comportamento, só a união dos lábios ter a mesma designação do amor das almas, faz com que o beijo tenha uma importância muito maior] (Xenofonte, *Banquete*, IV 25).

A figura de um Critóbulo tomado de paixão por um Clíneas reaparece no *Memoráveis* de Xenofonte. No diálogo em questão, Sócrates fala ao próprio Xenofonte sobre o descontrole de Critóbulo, voltando novamente à temática do beijo:

Era assim que ele contava esta história, meio a brincar, meio a sério. Quanto aos prazeres sexuais, aconselhava vivamente a que se afastassem dos rapazes belos, porque, dizia ele, não é fácil manter-se sóbrio quando se joga com tentações dessas. Então, em determinada altura, tendo sabido que Critóbulo, o filho de Críton, beijara o filho de Alcibiades, que era um belo rapaz, fez esta pergunta a Xenofonte, e diante de Critóbulo:

- Ora, diz-me lá, Xenofonte, não achavas tu que Critóbulo é um desses homens que são mais sensatos do que temerários, e que, em vez de insensatos e aventureiros, são cautelosos.

- Precisamente.

- Pois, agora, bem podes considerá-lo o mais estouvado e o mais ordinário dos sujeitos. Um tipo capaz de fazer malabarismos com facas e de se lançar ao fogo.

- Mas que raio o vistes tu fazer que te leves a acusá-lo assim?

- Pois, então, não é que ele se atreveu a beijar o filho de Alcibiades que tem um palminho de cara e está na flor da idade?

- Bom, se é a isso que tu chamas um empreendimento de risco, quer-me parecer que também eu desafiava um perigo desses!

- Oh infeliz! – exclamou Sócrates – Que julgas tu que te sucedia por beijar um belo rapaz? Bem depressa perderias a tua liberdade para te tornares escravo, farias despesas sem conta com prazeres degradantes, sem qualquer disponibilidade para te dedicares a atividades de homem de bem, forçado a pactuar com situações que nem um louco aceitaria (Xenofonte, *Memoráveis*, I 3, 8-11).

Sobre os trechos em questão, Kenneth Dover (1989, p. 160) aponta para o fato do Sócrates xenofonteano ser menos sensível e respeitoso que o Sócrates platônico, mas afirma que em ambos está a condenação à “cópula homossexual”.

Discordamos aqui dessa afirmação por não enxergarmos nos trechos uma condenação ao envolvimento homoerótico, mas à vulgarização do ato do beijo, bem como na intrínseca relação que Xenofonte estabelece entre o beijo e perda do domínio de si. Dessa forma, ao tentar criar uma ligação entre o beijo e a *hybris*, o autor busca fazer uma crítica a um costume presente nas relações homoeróticas de seu tempo (Sousa, 2013, p. 173).

É importante lembrar: Critóbulo, assim como os demais participantes do Banquete, ainda é um homem bom e belo. Sua *hybris*, todavia, o afasta do ideal de *kaloskagathos*. Deve-se, portanto, intervir: as falas de Sócrates têm o propósito de admoestar seu amigo. Auxiliá-lo a conduzir propriamente uma relação homoafetiva, posto que o seu envolvimento com Clínias não se encontra nos padrões ideais. Intervenção do pai do amado, intervenção do amigo próximo. É notório que nem toda forma de amor entre homens era bem vista na Grécia Antiga. Enquanto Cálias e Autólico ocupam o posto de relação pederástica ideal, recebendo vários elogios de Sócrates, Critóbulo e Clínias representam no Banquete o modelo de relação a ser evitado. Amante descomedido que cede em demasia às pulsões, perdendo assim sua virilidade. A presença de Critóbulo reforça o principal argumento da obra ao mostrar que o amor ao corpo pode afastar um homem da *kalokagathia*, enquanto o amor às almas o aproximaria desse ideal.

Considerações finais

A associação do ideal de *kalokagathia* às relações homoeróticas presentes na obra mostra como a condução de si nas práticas sexuais resultava num processo de subjetivação na Antiguidade. Diferentes formas de homoerotismo produzem diferentes tipos sujeitos. Duas delas ocupam um patamar elevado na obra, pois ilustram aquilo que Sócrates almeja ensinar aos presentes – a forma como um homem belo e bom deve ou não se conduzir no amor aos jovens. Cálias e Autólico representam o ideal de relação homoafetiva, enquanto Critóbulo e Clínias sintetizam o oposto disso: modelo a ser alcançado e conduta a ser evitada.

A construção argumentativa de Xenofonte nos leva a crer o seguinte: ao longo da noite, Sócrates assume para si a difícil labuta de mostrar aos presentes os benefícios do amor às almas e os malefícios do amor aos corpos. Sua derrota para Critóbulo no concurso de beleza nos mostra o quão distante ele está de fazer com que seus companheiros entendam esses conceitos. Decide então utilizar dos exemplos a sua volta para educá-los. O louvável Autólico juntamente com seu *erastes*, o rico benfeitor Cálias tornam-se partidários dos benefícios do amor às almas. Em contrapartida, Critóbulo, ebriamente apaixonado, é o exemplo perfeito para ilustrar os malefícios do amor aos corpos.

Paulatinamente, ao longo da obra, a *kalokagathia* é associada a risos, bebidas, apresentações e à condução de si nas práticas sexuais.

Referências bibliográficas

ATENEU. **Les Deipnosophistes**. Trad. A. M; Desrousseaux et Charles Astruc. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

ARISTÓFANES. **Las Ranas**. Trad: José García López. Murcia: Universidade de Murcia, 1993.

ARISTÓFANES. **Oeuvres – Tome II: Les Guêpes. – La Paix**. Trad: Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

BARBO, Daniel. **Cultura política homoerótica entre Grécia Antiga e a (pós) modernidade**: cientificismo, literatura e historiografia. Tese de doutorado em História defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COUTO, Luiz Pereira Guilherme. **Contra Timarco, de Esquines: tradução e estudo introdutório**. 2016. Tese de mestrado (Mestrado em Letras clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

DELIBES, Fernando Souto. **La Figura de Sócrates em Jenofonte**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filologia Clássica da Universidade Complutense de Madri. Madri: 2000.

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad: Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

DIODORUS SICULUS. **Library of History. Vol. VI**. Trad: C. H. Oldfather. Cambridge/ London: Harvard University Press/ William Heinemann, 1989.

DOVER, Kenneth James. **Greek Homosexuality**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HALPERIN, David M. **One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love**. New York: Routledge, 1986.

LEAR, Andrew. Was pederasty problematized?: A dichronic view. *In*: **SEX in Antiquity: exploring gender and sexuality in the Ancient World**. Nova York: Publishers Graphics, 2015. cap. 7.

PANGLE, Thomas L. Socratic Political Philosophy in Xenophon's Symposium. **American Journal of Political Science**, Vol. 54, Nº 1, p. 140-152, New York: University of Texas at Austin, 2010.

PLATÃO, Banquete. *In*: **Platão: diálogos**. Tradução de José Cavalcante de Souza. 1. ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1972.

PLATÃO, Protágoras. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Editora da Universidade Federal do Pará, 2002.

PLUTARQUE. **Vies. Tome VI - Pyrrhos-Marius. Lysandre-Sylla**. Trad: Robert Flacelière. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga I: das origens a Sócrates**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga II: Platão e Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

ROMERO, Sheila, Rigante. **As construções discursivas acerca das práticas sexuais homoeróticas nos banquetes presentes nas produções literárias e iconográficas da Atenas Clássica**. Dissertação de mestrado em História Comparada defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SOUSA, Luana Neres de. **As relações pederásticas em Atenas no período clássico: Uma análise do Banquete de Platão e de Xenofonte**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

STOREY, Ian C. **Eupolis: poet of old comedy**. New York: Oxford University Press, 2003.

XENOFONTE. **Banquete, Apologia de Sócrates**. Tradução de Ana Elias Pinheiro. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

XENOFONTE. **Memoráveis**. Tradução de Ana Elias Pinheiro. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.